

Mitopoética: algumas notas sobre literatura do espírito

Mythopoetics: some notes on literature of the spirit

Mitopoética: algunas notas sobre la literatura del espíritu

Vanderlei Barbosa¹

Resumo

O presente artigo, na perspectiva da mitopoética, como experiência de sentido, tem como objetivo oferecer possibilidades de reflexões que refaz a nova aliança e a reconciliação do homem com a natureza, da ciência com a filosofia, da tecnologia com a cultura, da razão com a fé. Fundamentalmente, esse termo significa a fusão da narrativa simbólica (mito) com a arte de criar (poética), proclamando a conexão de todas as coisas. Em outras palavras, a mitopoética considera a interconexão entre os humanos e outros que não humanos, em sua abordagem sobre o cuidado com o planeta e com todas as formas e manifestações de vida.

Palavras-chaves: Mitopoética; Literatura do espírito; Cuidado; Natureza.

Abstract

This article, from the perspective of mythopoetics as an experience of meaning, seeks to offer possibilities for reflection that renew the alliance and reconciliation of humanity with nature, of science with philosophy, of technology with culture, and of reason with faith. Fundamentally, this term signifies the fusion of symbolic narrative (myth) with the art of creation (poetics), proclaiming the interconnectedness of all things. In other words, mythopoetics considers the interconnectedness between human and non-human beings in its approach to caring for the planet and all forms and manifestations of life.

Keywords: Mythopoetics; Literature of the spirit; Care; Nature.

Resumen

Este artículo, desde la perspectiva de la mitopoética como experiencia de sentido, busca ofrecer posibilidades de reflexión que renueven la alianza y la reconciliación de la humanidad con la naturaleza, de la ciencia con la filosofía, de la tecnología con la cultura, de la razón con la fe. Fundamentalmente, este término significa la fusión de la narrativa simbólica (mito) con el arte de la creación (poética), proclamando la conexión de todas las cosas. En otras palabras, la mitopoética considera la interconexión entre los seres humanos y no humanos en su enfoque del cuidado del planeta y de todas las formas y manifestaciones de la vida.

Palabras clave: Mitopoética; Literatura del espíritu; Cuidado; Naturaleza.

¹ Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras/MG, Brasil. E-mail: vanderleibarbosa@ufla.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7246-4427>

Introdução

Este texto não é um escrito acadêmico habitual, mas como o próprio título indica são apenas "algumas notas sobre literatura do espírito". Ele está sendo produzido no contexto de expectativas de um ano sabático, período em que pretendo realizar meu estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Ouro Preto. Assim, intencionalmente, almejo "combinar a inteligência instrumental-analítica, donde nos vem o rigor científico, com a inteligência emocional-cordial, donde derivam as imagens e os mitos" (Boff, 1999, p. 58). Em outras palavras, estarei me atendo mais à linguagem estética do que à linguagem do método. É isso: mais do que o rigor sistemático, o que ambiciono é a leveza poética.

Hermann Hesse (1972, p.384-385) descreve com precisão esse meu sentimento de leveza estético-poética da seguinte maneira:

E agora, que estou livre de todas as obrigações oficiais, sinto-me atraído pela ideia de usar meu tempo livre e bom humor para, num desses dias, escrever um livro - ou antes, um livrinho, uma coisinha para os amigos e aqueles que partilham dos meus pontos de vistas. O assunto não terá a menor importância. Será apenas um pretexto para que eu me isole a fim de gozar a felicidade de ter tempo de lazer. O importante mesmo será o tom, que deverá estar entre o solene e o íntimo, entre o sério e o brinquedo, um tom que não seja de instrução, mas de conversa amigável sobre as várias coisas que aprendi...

Essas são as deliciosas palavras de *Magister Ludi*, autoridade suprema de uma ordem monástica, que se dedicava ao cultivo e ao gozo da beleza, conforme lemos no livro *O jogo das contas de vidro*. Hesse resgata a tradição dos antigos, no que diz respeito à capacidade de trabalho mental, ao trabalho teórico do espírito, entendendo espírito como "potência de transformação".

Muitos pensadores, a exemplo de Joseph Campbell, Fritjof Capra, Ítalo Calvino, Edgar Morin, Leonardo Boff, Isabelle Stengers, Donna Haraway, Yuk Hui, Ilya Prigogine, Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos, Jürgen Habermas, Lima Vaz, Tim Ingold, dentre outros, vêm se debruçando sobre a profunda crise mundial que marca nosso tempo. No entender de Capra (1990, p.19), "É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida - a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais"

Esses pensadores, cada um a seu modo, são críticos da modernidade cartesiana e linear, defendendo um pensamento de mais largo respiro que aqui denominamos literatura do espírito. Essa perspectiva desafia a visão antropocêntrica moderna e incentiva a uma prática de coexistência de todas as coisas humanas e outras-que-humanas², ou seja, de uma intuição de sistemas e enfoques holísticos e ecológicos (visão cosmológica), conforme propõe o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si*, publicada em 2015.

Neste breve ensaio, trataremos os seguintes pontos: 1. Entendendo a mitopoética. 2. A mitopoética como experiência de sentido. 3. Principais representantes da literatura do espírito. 4. Desdobramentos da mitopoética.

Entendendo a mitopoética

Fundamentalmente, esse termo significa a fusão da narrativa simbólica (mito) com a arte de criar (poética), proclamando a conexão de todas as coisas. Em outras palavras, a mitopoética considera a interconexão entre os humanos e outros-que-humanos, em sua abordagem sobre o cuidado com o planeta e com todas as formas e manifestações de vida³.

Como experiência de sentido, a mitopoética oferece possibilidades de reflexões que refaz a nova aliança⁴ e a reconciliação do homem com a natureza, da ciência com a filosofia, da tecnologia com a cultura, da razão com a fé.

A nova aliança e a reconciliação levam-me a restabelecer vínculos com minhas memórias da infância: "[...] tudo era experimentado de forma palpável. O sagrado era arcaicamente sorvido. O cheiro de mato tinha singularidade, conferindo charme ao amor que era vivido à luz das águas, ao som do sol" (Barbosa, 2020, p. 83). Nessas paisagens da infância não havia solidão, mas aliança, porque a percepção da criança, desprovida de preconceitos e julgamentos, tinha a capacidade de perceber as relações de todas as coisas de forma intuitiva.

²Outras-que-humanas é um conceito da filósofa belga Isabelle Stengers que defende o reconhecimento dos diferentes modos de existência e de todas as formas de vida ao propor discutir a cosmopolítica. Vejo similaridade com o conceito de ecologia integral presente na Carta Encíclica *Laudato Si*.

³Cosmopolítica, cosmotécnica, mitopoética são palavras sinônimas que se referem, respectivamente, ao cosmos, à política, à técnica, aos mitos, às entidades espirituais.

⁴Essa expressão, que ganhou lastro com Ilya Prigogine (2002, p. 13), refere-se à sua visão interdisciplinar sobre a relação entre ciência, filosofia e cultura.

Encontro amparo para a proposta que intenciono desenvolver em Joseph Campbell (1990, p. 97), quando fala dos povos das planícies, dos povos das florestas, dos agricultores que viviam integrados em suas paisagens:

Eles fazem parte do seu mundo, e cada elemento desse mundo se torna sagrado para eles "[...] a sacralização da paisagem local é uma função fundamental da mitologia [...]. A paisagem, o lugar da morada, se torna um ícone, uma figura sagrada. Onde quer que esteja, você estará conectado com a ordem cósmica.

Essas considerações de Campbell sobre a paisagem fazem-me lembrar de um pequeno texto, intitulado *O Jardim*, que escrevi e que retomo aqui como expressão de lugar sagrado, como paisagem de minha infância:

Nossa memória, esculpida pela cultura judaico-cristã, é habitada por uma saudade infinita do paraíso: jardim-arquétipo, em que os humanos, Deus e a natureza viviam poeticamente em harmonia. O eu se constituía na vestimenta essencial de um corpo transparente, cuja claridade permeava o diálogo de almas. Ah! Que me perdoe Sartre, o outro não era o inferno, mas o céu: espelho a revelar quem somos. Não havia dogmas, convenção jurídica ou moral, apenas o imperativo de viver poeticamente.

No Éden, corpo e alma; erótica e mística; libido e sublimação eram faces de uma mesma dança poética. O adorno das paisagens com sua diversidade de flores, frutos e cores se confundiam, ao mesmo tempo, com o borbotar das águas, cuja melodia acariciava a brincadeira de todos os seres, sendo o próprio Deus o *Ludi-magister*. Não havia espaço para a utopia, pois aquele era o lugar: a concretização do sonho de Deus em seu transbordamento de amor. Cada ser havia sido penetrado pelo sopro vital do qual emana o sublime.

O jardim, na sua composição diversa, era a síntese de uma beleza absoluta e sagrada. Tudo era simples, mas sublime, tudo era completo. Tudo era fonte, aliança. Não havia necessidade de mediação porque imanência e transcendência; céu e terra não se dissociavam. O homem era o próprio *daimon*, anjo jardineiro, pedaço do próprio Deus que, sem a fratura do espaço e do tempo, em plena gratuidade vivenciava, com humor e leveza, a experiência do infinito, onde tudo era bom... muito bom (Barbosa, 2024, p. 110).

Campbell (1990, p. 98), ao discutir essa relação dos povos das planícies, dos povos das florestas, dos agricultores que viviam integrados em suas paisagens, considera que,

[...] para eles, o mundo inteiro era um lugar sagrado. Mas a orientação de nossas vidas se tornou tão prática e econômica que, à medida que você envelhece, as solicitações do momento se tornam prementes a ponto de você mal saber onde diabo está, ou quais são suas intenções genuínas.

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.10, n.1, e-1216, 2026.

Você está sempre fazendo algo exigido de você. Onde está a sua estação de bem-aventurança? Você precisa se esforçar para encontrá-la. Pegue o aparelho de som e ponha uma música de que você realmente goste, ainda que seja uma música piegas, ultrapassada, que ninguém mais aprecie. Ou pegue um livro que você realmente gosta de ler. No seu lugar sagrado, você atinge aquele sentimento de respeito pela vida que esses povos tinham para com o mundo todo em que viviam.

As palavras de Campbell nos conduzem a uma questão fundamental para resgatar o equilíbrio perdido: Onde está a sua estação de bem-aventurança? Ele mesmo responde lindamente a essa questão, quando diz:

Pondo-se no encalço da sua bem-aventurança, você se coloca numa espécie de trilha que esteve aí o tempo todo, à sua espera, e a vida que você tem de viver é essa mesma que você está vivendo. Onde quer que você esteja, se estiver no encalço da sua bem-aventurança, estará desfrutando aquele frescor, aquela vida intensa dentro de você, o tempo todo (Idem, 1990, p. 128).

Finalizamos estas considerações sobre os mitos como conhecimento ancestral, recorrendo às palavras de Leonardo Boff (1999, p. 36):

Estimamos que as mitologias, mais que as ciências e as filosofias, encerram, junto com as religiões, os grandes elucidamentos da essência humana. Aí as culturas projetaram, geração após geração, grandes visões, acumularam reflexões, fizeram aprofundamentos e os passaram a seus pósteros. Souberam usar de uma linguagem plástica, com imagens tiradas das profundezas do inconsciente coletivo, acessível a todas as idades e a todos os tempos. Além das visões e dos símbolos, suscitaram e continuam suscitando grandes emoções. E são essas que ficam e mobilizam as pessoas e os povos na história.

A mitopoética como experiência de sentido

Ao falar sobre a mitopoética como experiência de sentido, inicio com um pequeno trecho de um artigo intitulado *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, do filósofo espanhol Jorge Larrosa Bondía que servirá de base para fundamentar minha reflexão na convicção de que o mundo é feito de palavras. Bondía (2002, p. 21) escreve:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.

É o próprio autor citado quem nos ampara na descrição do conceito de experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Idem, 2002, p. 21).

Como viver essa experiência de sentido? Penso que convém revisitar os mitos, valorizar suas contribuições para adorno do espírito. Precisamos consagrar parte de nosso tempo aos nossos ancestrais e pensar, como afirma o pensador francês Edgar Morin (2003), além do progresso. Complementando essa afirmação, a Encíclica Papal *Laudato Si*, nº 63, alerta: “É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade”.

De acordo com Capra (2007, p. 31), um dos principais intérpretes da crise contemporânea,

[...] necessitamos, a fim de nos prepararmos para a grande transição em que estamos prestes a ingressar, de um profundo reexame das principais premissas e valores de nossa cultura, de uma rejeição daqueles modelos conceituais que duraram mais do que sua utilidade justificava, e de um novo reconhecimento de alguns valores descartados em períodos anteriores de nossa história cultural.

Essa análise de Capra sugere, de modo convincente, a distinção entre método racional e o método intuitivo, conforme propõe o autor:

O pensamento racional é linear, concentrado, analítico. Pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar. Assim, o conhecimento racional tende a ser fragmentado. [...] O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta não-intelectual, da realidade, em decorrência de um estudo ampliado de percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não-linear (Idem, 2007 p. 35).

Prossegue o autor, explicitando os desdobramentos da prevalência do método racional na cultura ocidental:

A ênfase dada ao pensamento racional em nossa cultura está sintetizada no célebre enunciado de Descartes, "*Cogito, ergo sum*" - "Penso, logo existo" -, o que encorajou eficazmente os indivíduos ocidentais a equiparem sua identidade com sua mente racional e não com seu organismo total. Veremos que os efeitos dessa divisão entre mente e corpo são sentidos em toda a nossa cultura. Na medida em que nos retiramos para nossas mentes, esquecemos como "pensar" com nossos corpos, de que modo usá-los como agentes do conhecimento. Assim fazendo, também nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com sua rica variedade de organismos vivos. A divisão entre espírito e matéria levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais, por sua vez, foram reduzidos a seus componentes materiais fundamentais cujas propriedades e interações; acredita-se, determinam completamente, todos os fenômenos naturais. Essa concepção cartesiana da natureza foi, além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. Veremos que tal concepção mecanicista do mundo ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida. Levou à bem conhecida fragmentação em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesses" (Idem, 2007 p. 37).

Essa longa citação se justifica porque sintetiza os efeitos da concepção mecanicista do mundo que, ao separar espírito e matéria, levou ao desligamento do nosso meio ambiente natural e da comunhão e cooperação com a variedade de organismos vivos.

Principais representantes da literatura do espírito

Impossível, numa exposição quase esquemática como a presente, referir-se a todos os autores e às suas ideias fundamentais. O que propomos são algumas breves notas sobre literatura do espírito, revelando as ideias e o pensamento de alguns autores que ousaram pensar o mundo sob a ótica da literatura do espírito.

Fritjof Capra publicou, em 1981, o livro intitulado *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*, começando justamente com um diagnóstico lacônico no qual delineia seu conceito de crise na qual estamos submetidos. Diz ele:

As últimas duas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida - a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e de toda vida no planeta (2007, p. 19).

Para Capra, neste cenário de profunda crise, temos o desafio de apontar para outro devir. O Ponto de Mutação é uma referência para o pensamento sistêmico. Nele, Capra compara o pensamento cartesiano, reducionista, modelo para o método científico desenvolvido nos últimos séculos, e o paradigma emergente, holístico ou sistêmico (que vê o todo como indissociável).

Vejamos, nas palavras do próprio Capra (2007, p. 259), a concepção do paradigma holístico ou sistêmico:

A nova realidade, de que vimos falando, baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos - físicos, biológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições. Não existe, no presente momento, uma estrutura bem estabelecida, conceitual ou institucional, que acomode a formulação do novo paradigma, mas as linhas mestras de tal estrutura, já estão sendo formuladas por muitos indivíduos, comunidades e organizações que estão desenvolvendo novas formas de pensamentos e que se estabelecem de acordo com novos princípios.

Na discussão sobre o holismo, não se pode prescindir da contribuição de Leonardo Boff. Em seu livro *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*, publicado em 2023, ele afirma:

A perspectiva holística não significa a somatória dos pontos de vista (que são sempre a vista de um ponto), mas a capacidade de ver a transversalidade. Quer dizer, a capacidade de detectar os inter-retro-relacionamentos de tudo com tudo. Economia, gestão e cálculo têm a ver com filosofia, física, arte e religião. Nada existe justaposto ou desvinculado do todo. As partes estão no todo, e o todo, como num holograma, reflete-se em cada parte. Adaptabilidade, versatilidade, consorciação, contínua aprendizagem, regeneração, reciclagem e sinergia são algumas das características da perspectiva holística (p. 97).

É nessa mesma direção que Ítalo Calvino, no livro *Seis propostas para o próximo milênio*, publicado em 1990, indica ao defender a leveza como fonte de inspiração. Diz ele:

Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos... (p.19).

Olhar a partir de outra ótica significa revisitar nossas raízes, nossas essências nuas e familiarizar-nos com a literatura do espírito. Bem dizia Joseph Campbell (1990, p. 3), mestre da compreensão dos mitos:

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição - Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas. Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

É o próprio Campbell quem nos auxilia nesta reflexão, ao mostrar que:

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.10, n.1, e-1216, 2026.

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam, de hábitos, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele. (Idem, p. 4).

Salientando que “A mitologia é um alimento vital” (p. 12), Campbell define o mito como "experiência de sentido" e acrescenta:

São histórias sobre a sabedoria de vida. [...] O que estamos aprendendo em nossas escolas não é sabedoria de vida. Estamos aprendendo tecnologias, estamos acumulando informações... Nas nossas ciências, verifica-se uma forte tendência à especialização (p. 6).

Nessa mesma perspectiva, Leonardo Boff (1999, p. 58), lastreado no pensamento do Carl Gustav Jung, enfatiza:

Os mitos representam a emergência de imagem de grandes experiências, de sonhos e temores (arquétipos) que a humanidade elaborou historicamente em seu longo processo de individuação. Eles emergem na consciência das pessoas e das coletividades. Conhecem metamorfoses que desdobram virtualidades escondidas, garantindo-lhes atualidade histórica. Eles ajudam a entender a universalidade de certas experiências e apontam para as várias travessias que caracterizam a aventura humana.

Jung (*apud* Boff, 2001, p. 82), considerando que o doloroso processo de desintegração se acha pela falta de ligação com o universo da religião, afirma:

Entre todos os meus pacientes na segunda metade da vida, isto é, com mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão da sua atitude religiosa.

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.10, n.1, e-1216, 2026.

Todos, em última instância, estavam doentes por terem perdido aquilo que a religião viva sempre deu, em todos os tempos, aos seus seguidores. E nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isso está claro. Não depende absolutamente de uma adesão a um credo particular, nem de tornar-se membro de uma igreja, mas da necessidade de integrar a sua dimensão espiritual.

O enfoque religioso e a dimensão espiritual, segundo Boff (2001, p. 82), não podem ser negligenciados, pois

Estamos acostumados a analisar nossos problemas do ponto de vista psicológico, sociológico, jurídico e até financeiro. É preciso que os analisemos também de uma perspectiva espiritual. Muitas de nossas angústias e das nossas doenças são consequências da dimensão espiritual não desenvolvida, anêmica, distorcida ou totalmente recalcada. Há dentro de nós uma chama sagrada coberta pelas cinzas do consumismo, da busca de bens materiais, de uma vida distraída das coisas essenciais. É preciso remover tais cinzas e despertar a chama sagrada. E então irradiaremos. Seremos como um sol.

Contemporaneamente, Ailton Krenak e Antonio Bispo dos Santos, nos oferecem uma conexão com nossas raízes e criticam a limitada forma cartesiana de nossa cultura dominante como loucura. Descrevendo o mito da sustentabilidade, Krenak (2020, p. 14 e 16) alerta:

Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. [...] Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmo é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Por sua vez, Antonio Bispo dos Santos concorda com Krenak sobre a perda da sabedoria, acrescentando que, embora os humanos tenham medo do cosmos, eles são diversos, cosmológicos, naturais e orgânicos. Na obra *A terra dá, a terra quer* (2023, p. 16) ele argumenta:

A cosmofofia é a grande doença da humanidade. Apesar de serem criaturas da natureza, os humanistas se descolam da natureza e se tornam criadores. Sintetizam o orgânico, chamam todas as vidas de matéria-

prima. E a matéria-prima passa a ser um objeto a ser melhorado, beneficiado, sintetizado. Os humanistas se sentem o seu próprio deus, na lógica da verticalidade, do poder, da interferência na vida alheia e da manipulação.

Pautado nessa análise, Santos (p. 4, 5 e 6) propõe alguns conceitos que têm a potência de resgatar a profundidade da experiência. O primeiro é o de *Integração Cosmológica*, que reflete uma profunda conexão entre espaço físico e cosmologia local. O segundo é o *Valor dos Quintais*. Os quintais desempenham papel central, promovendo práticas sustentáveis que resgatam saberes ancestrais e sociais. O terceiro, as *Confluências Cosmológicas*, ou seja, as transfluências entre diferentes sistemas de crença dialogam, enriquecendo as práticas e filosofias das comunidades politeístas e, o quarto, a *Biointeração Sustentável*, que significa a interconexão entre humanos e natureza. Estas proposições, contrastando com os ideais de desenvolvimento convencional da ciência, encontram eco no documento papal *Laudato Si – sobre o cuidado da casa comum*, nº 215: "Prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista. Quando não se aprende a parar, a fim de admirar e apreciar o que é belo, não surpreende que tudo se transforme em objeto de uso e abuso sem escrúpulos".

Essas ideias têm a intenção de pensar uma sociedade eticamente avançada, esteticamente aperfeiçoada e democraticamente participativa, a partir do princípio da mitopoética e esses pensadores nos ajudam a entender a diferença entre conhecimento e sabedoria. O primeiro nos dá meios para viver. A segunda nos dá razões para viver.

Desdobramentos da mitopoética

Não exploraremos, em toda a sua amplitude e profundidade, a mitopoética, mas sim, apontaremos as muitas possibilidades desse termo para repensar a realidade em enfoques holísticos e ecológicos.

No plano sociocultural, por exemplo, vemos uma busca ainda difusa, mas significativa pelo reencantamento do mundo⁵, sobretudo depois da fase muito aguda de suspeição da dimensão metafísica, conforme sugerem Simas; Rufino (2020). Há a

⁵ Cf. SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, Luiz. Encantamento: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Morula, 2020.

necessidade de se recuperar um pouco mais essa dimensão, que me parece, atualmente, presente já de forma bastante profunda no pensamento filosófico. O resgate da questão da racionalidade prática, que coloco como central, não é uma preocupação só minha, mas de muitos pensadores, que tentam retomar exatamente essa problemática, sobretudo em relação ao impasse básico da discussão da sociedade tecnológica, o problema da razão instrumental.

No plano da religião, modernamente entre nós, um pensador que vem estudando o enriquecedor diálogo entre razão e fé é Jürgen Habermas. Sua última e notável obra *Una historia de la filosofía*, publicada em 2023, testemunha exatamente o que estou fazendo aqui, ou seja, retomando essa questão hoje, o que é fundamental. Então, "o entrelaçamento entre razão e fé é um dos principais motores evolutivos - em termos morais, culturais e intelectuais - da humanidade". *Una historia de la filosofía*, do ponto de vista da ética, sobretudo na perspectiva da solicitude, que abre bem no sentido dessa dimensão, ele faz essa leitura, visando o resgate da dimensão da sabedoria prática. Mais do que nunca, isso é fundamental para a compreensão dos enormes desafios éticos colocados pela civilização tecnológica. É preciso falar aqui da engenharia genética. Já vimos ali enormes problemas que precisam urgentemente ser discutidos, debatidos nessa linha interdisciplinar que, precisamente, são aquelas as quais hoje se colocam a bioética. Desse ponto de vista, encontramos, nesse pensador, uma contribuição notável, sobretudo a necessidade de recuperarmos essa dimensão sapiencial da inteligência, nesta linha de interpretação dos problemas e dos fenômenos, que estão presentes na nossa civilização.

No plano filosófico, precisamos nos lembrar de que a civilização ocidental nasce na descoberta grega do sentido amplo da razão. A descoberta da razão, no século sétimo antes de Cristo, que marca o início do próprio pensamento filosófico significa exatamente isso, a razão como capacidade de explicar, de dar conta de uma realidade na qual o homem vivia, o que representou uma enorme revolução do pensamento grego. Desde o século sétimo até o século de Sócrates, de Platão, de Aristóteles com toda a carga de questões colocadas para a reflexão do homem vão encontrar no pensamento grego esse eco, permitindo que se desenhasse a trajetória da civilização ocidental dos gregos até nós.

Claro, nesse caminho, andamos perdendo algumas coisas, aliás, muitas coisas... Vamos dizer que a civilização ocidental nasce dessa intuição grega de que o 'conhece-te a ti mesmo' é a base de toda essa civilização. Sócrates, ao propor o 'conhece-te a ti mesmo',

torna-se o grande paladino a difundir essa ideia como algo central, definindo o autoconhecimento como de suma importância para a existência humana. A célebre frase *a vida que não se examina não é digna de ser vivida*, contida na Apologia de Sócrates, configura-se como de extraordinária importância do ponto de vista de uma concepção de civilização humana, com valores efetivamente humanos.

Freud, quando trata na psicanálise da busca da verdade para além da consciência imediata, realça as questões do inconsciente como muito importantes nesta dimensão. Coisas que já conhecemos através da história do pensamento ocidental, mas que nunca é demais nos recordarmos, sobretudo em relação à temática da mitopoética.

Todas as ideias levantadas nos levam a repensar a realidade em enfoques holísticos e ecológicos e a colocar em dúvida o paradigma secularista moderno, questionando a evolução do progresso. No livro *Carta sobre a felicidade* (1979, p. 49), Epicuro escreve a Meneceu: "Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável".

Considerações finais

Para finalizar, é importante retomar o tema da crise mundial resultante do iluminismo. Sobre isso, evocamos o pensamento dos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer que, no livro, *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, ao falarem do progresso, concluem:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal (1985, p. 19).

Paradoxalmente, a ilustração obscureceu a visão cosmológica e empobreceu a visão transcendente e sagrada. A consequência é evidenciada por Walter Benjamin em suas teses sobre o conceito de história, de 1940, que são os últimos escritos, redigidos pouco antes de sua trágica morte. As teses são produtos de circunstâncias históricas, mas o texto

transcende o momento histórico, denunciando a idolatria dos fatos históricos e a inclinação servil diante do progresso, ou seja, Benjamin denuncia a idolatria e o fetiche do progresso.

Na tese nona, ele escreve:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.

Benjamin acredita que a história é um acúmulo de catástrofes e de ruínas. Em suas próprias palavras: "Essa tempestade é o que chamamos progresso". Nesse mesmo sentido, outra referência fundamental da historiografia crítica é o livro *As veias abertas da América-Latina*, do pensador uruguaio Eduardo Galeano, no qual narra o “cortejo triunfal dos vencedores”, que pode ser entendido como a continuidade na cadeia histórica dos dominadores. A obra de Galeano (2002, p. 19) traz uma feliz coincidência com as teses de Benjamin em termos de concepção da história: “A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi e contra o que foi, anuncia o que será”. Aqui encontramos ressonâncias do anjo da história⁶.

O pensador francês Edgar Morin, autor da teoria do pensamento complexo, escreveu um texto com o título *Além do progresso* (2003, p. 13), no qual faz advertência sobre o perigo que representa o mito do progresso. Retomo aqui alguns excertos do texto de uma crítica surpreendente sobre a ideia de progresso:

A ideia de progresso necessário, irresistível, apresentou-se até hoje como a mais racional das ideias, porque, de um lado, inscrevia-se numa concepção de evolução que avançava do inferior ao superior; de outro, porque os progressos da ciência e da técnica impulsionavam por eles mesmos o progresso da civilização. Assim, o progresso era identificado

⁶Cf. LOWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 81)

com a própria marcha da história moderna. Mas, esse progresso seguro era um mito que suscitou uma fé. Essa fé constituiu o fundamento comum tanto à ideologia democrático-capitalista prometendo bens e bem-estar terrestres quanto à ideologia comunista prometendo futuro radiante.

Essa ideia ascensional da história do progresso esvaneceu-se, vivemos o tempo da incerteza no plano científico, técnico e ético. Sobre a radical ambivalência da ciência continua o autor:

A ciência revela sua radical ambivalência: o modelo de energia nuclear não mais conduz apenas ao progresso, mas também ao aniquilamento humano. [...] A ideia de progresso continua sedutora e cheia de promessas apenas nos lugares onde ainda se sonha com o bem-estar e com recursos técnicos libertadores. Mas ela começa a ser questionada no mundo do bem-estar. O progresso trazia em seu seio a emancipação individual, a secularização geral dos valores, a diferenciação do verdadeiro, do belo e do bom. A partir de agora, percebe-se que o individualismo significa não apenas autonomia e emancipação, como também atomização e anonimização. A secularização significa não só a libertação dos dogmas religiosos, mas também a perda dos valores, a angústia e a incerteza. A diferenciação dos valores conduz não somente à autonomia moral, ao prazer estético e à livre busca da verdade, mas igualmente à amoralidade, ao estetismo frívolo e ao niilismo. (Idem, p. 16)

Pensar além do progresso, continua o autor, é tomar consciência do limite do desenvolvimento e resgatar as atividades lúdicas e estéticas que conferem sentido à vida para restaurar o cuidado necessário como atitude de bem querer entre todas as coisas.

E sobre o planeta todo, a crise do progresso provoca um formidável e multiforme movimento de ressurgimento e de retorno aos fundamentos étnicos, nacionais e religiosos, perdidos ou esquecidos. [...] É preciso abandonar a ideia simplista de que o progresso técnico/econômico é a locomotiva à qual estão atrelados os progressos sociais, políticos, mentais, morais. [...] Por toda parte desapareceram os balizamentos em direção ao futuro. O mundo não vai nem bem nem mal, vai aos trancos e barrancos, de solavanco em solavanco, sem estar ainda nem totalmente nem para sempre submerso pela barbárie. A nave Terra navega pela noite bruma, numa aventura desconhecida. (Idem, p. 17)

Quando se fala da necessidade de retorno aos fundamentos esquecidos para se "alcançar a saúde do espírito", vale retomar a exortação filosófica de Epicuro (1979, p. 21),

para quem, segundo Prigogine (1996, p. 17), “O problema da ciência, da inteligibilidade da natureza e o do destino dos homens eram inseparáveis”:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.

Todos esses pensadores são críticos do iluminismo que, ao fundamentar-se unicamente na razão instrumental e na imanência, ao desfazer a aliança com a transcendência, obnubilou as balizas e as ideias-guias que os mitos e o sagrado sempre ofereceram aos humanos e ao universo.

Referências

BARBOSA, Vanderlei. **No tempo certo**. Juiz de Fora, MG: Siano, 2020.

_____. **O livro das essências nuas**. Ouro Preto, MG: Caravana, 2024.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história. Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOFF, Leonardo. **A nova visão do universo: de onde vem o ser humano, a Terra, a vida, o espírito e Deus?** Rio de Janeiro: Animus anima, 2021.

_____. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2007.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **Una historia de la filosofía**. Vol. 1: La constelación occidental de fe y saber. Espanha: Trotta, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis, RJ: vozes, 2022.

HESSE, Hermann. **O jogo das contas de vidro**. Rio de Janeiro: Record, 1972.

INGOLD, Tim. **Sobre não conhecer e prestar atenção**: como caminhar em um mundo possível. Esferas, ano 13, vol. 1, nº 26, janeiro-abril, 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Ideias para mudar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA VAZ, H. C. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. Humanismo hoje: tradição e missão. **Síntese – Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 91, p. 157-168, 2001.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORIN, Edgar. **Planeta**: a aventura desconhecida. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PRIGOGINE, Ilya. **As leis do caos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Do ser ao devir**. São Paulo: Editora UNESP; Belém, PA: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002.

_____. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Morula, 2020.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

THOREAU, Henry David. **Walden ou a vida nos bosques**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2018.

Recebido: fevereiro/2026

Aprovado: Maio/2026

Publicado: julho/2026